Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Políticas Públicas e Projetos de cidade: Uberlândia segundo a imprensa

Orlanda Rodrigues Fernandes*

Resumo: Este trabalho tem como problemática central a construção de memórias históricas por meio da imprensa. Refletindo como esta produção compõe o enredo social, analisando sua construção e problematizando os projetos de cidade presentes.

Palavras-chaves: Memórias, imprensa, políticas públicas.

Abstract: This paper has with center problem the construction of the history memory for the newspaper. Reflecting about this production represent the social plot, analyzing their construction and question the projects about the city into the newspaper.

Keywords: Memories, newspaper, public political.

Este artigo apresenta reflexões da pesquisa em andamento que tem como problemática central a construção de memórias históricas por meio da imprensa. Refletindo como esta produção compõe o enredo social, analisando sua construção para problematizar os projetos de cidade presentes, indagando sobre suas interferências no real.

As discussões sobre memórias e suas produções têm sido recorrentes entre os historiadores da História Social. Numa proposta mais ampla de romper com a idéia de voltar ao passado pelo passado e de uma grande história universal e acadêmica, esses historiadores problematizam o conceito de memória dentro da forma como encaminham suas pesquisas, como legitimam seus temas e da responsabilidade que têm para com os procedimentos de pesquisa que adotam, deixando claras suas intenções e posições.

Compartilhando dessa posição, não há em meu trabalho uma definição fechada, trabalho com a idéia de memórias em movimento e produzidas no social a partir do presente e não do passado, e utilizo esse conceito no plural, pois compreendo que são maneiras como grupos, classes sociais, interpretam o passado, ou seja, como um campo de disputa por aquilo que queremos para a nossa sociedade. As memórias produzidas a partir de significações do

* Mestranda em História pela Universidade Federal de Uberlândia com projeto de pesquisa financiado pela CAPES.

presente com interpretações sobre o passado projetam um futuro e, portanto, é uma construção em disputa de acordo com interesses e projetos de sociedade que se almeja.

Logo, o interesse pela memória produzida pelo jornal *Correio de Uberlândia*[1] na década de 1960 se fez, pois a considero representativa de frações de classe, com um projeto de sociedade que se queria edificar, uma visão de mundo apresentada de determinadas formas com intenções e objetivos.

É fundamental problematizar essa visão do periódico, bem como a memória produzida por ele, percebendo e questionando a ligação de interesses presente nessa produção e difusão. Pois os projetos das diversas forças sociais são articulados pela imprensa segundo os interesses de seus proprietários, financiadores e grupos aos quais representa, influenciando diretamente a produção da memória histórica sobre o período presente na fonte. (MACIEL, 2004: 14-39)

Com o levantamento e análise dos proprietários, financiadores, redator chefe do jornal e grupos aos quais o *Correio de Uberlândia* representava, a questão da disputa por hegemonia de determinados posicionamentos aflorou no trabalho. Compreendi então o posicionamento do jornal, que sujeitos escreviam e construíam as reportagens, ou melhor, quem controlava essa produção, para quem se dirigiam ao fazê-lo e com qual intenção.

São esses elementos que representam os interesses dos grupos que colocam sua posição na imprensa e o projeto de sociedade que se quer para Uberlândia. Parece que o governo militar já estava presente antes mesmo de 1964, ou seja, já se disputa uma imagem de um possível governo que essa parcela almejava, travando um provável diálogo com intelectuais e pensadores da região que possuíam outro posicionamento.

Havia um interesse local por parte das classes dirigentes – constituídas de proprietários de terras e propriedades imobiliárias na cidade, que também estavam na política enquanto prefeitos, vereadores e deputados – em difundir o ideal liberal industrial, visto que seriam eles mesmos os investidores e lucradores de tal expansão, além disso, difundindo esse

[1] O jornal Correio de Uberlândia é um periódico de Grande circulação na cidade de Uberlândia que na década de 1940 pertencia a cotistas ligados à UDN – União Dmocrática Nacional - entre eles João Naves de Ávila, Nicomedes Alves dos Santos e Alexandrino Garcia. Valdir Melgaço Barbosa, vereador e deputado pela UDN, assumiu sua direção em 1952, onde permaneceu por toda a década de 1950 e de 1960. Ainda na década de 1950 o jornal foi vendido para Agenor Garcia, irmão do comendador Alexandrino Garcia (também ligado à UDN), permanecendo nessa família até 1971, quando foi comprado por Sergio Martinelli, voltando, em 1986 às mãos dos Garcia por meio da compra do jornal pelo grupo ALGAR – grupo empresarial brasileiro com sede em Uberlândia, e que atua principalmente na região Sudeste e Centro-Oeste, num processo de expansão para todo o país e exterior, fundada por Alexandrino Garcia em 1954 com a intenção de implantar um sistema de comunicação, hoje é uma empresa que atua nas áreas de telecomunicações, agronegócios e entretenimento.

ideal num jornal destinado claramente às classes médias, visavam atrair apoio destas e de classes industriais de outras cidades e/ou outros estados para Uberlândia:

> *Mais uma comissão de uberlandenses dirige-se à capital mineira para a obtenção de benefícios para a cidade. Domingo partiu de Uberlândia, liderada pelo chefe do executivo municipal, uma caravana de homens de negócios e industriais que vão falar com o governador Magalhães Pinto sobre assuntos ligados à Cidade Industrial. O prefeito Raul Pereira de Resende, os srs. Luiz Della Penna, eng. Helvio Felice, Cesarino Crosara e outros, neste momento já devem ter entrado em contato (ontem) com o chefe do executivo estadual através da atuação do deputado Valdir Melgaço que fez a ligação entre o governador e os uberlandenses. Embora não seja conhecida em seu total a agenda de reivindicações, sabemos perfeitamente que o sr. Raul Pereira de Rezende, com o apoio do deputado Valdir Melgaço, promoverá meios para retornar a Uberlândia trazendo uma verba de 20 milhões de cruzeiros, retida em Belo Horizonte e destinada a serviços na futura Cidade Industrial. Outro assunto que será tratado, refere-se à isenção de impostos e à fiscalização estadual em Uberlândia, ora tão em atualidade dentro do panorama político de nossa terra. A notícia da viagem da comissão a Belo Horizonte, não deixa de ser das mais importantes para esta comunidade. Realmente, os homens que a compõem, figuras destacadas do progresso industrial, comercial e político da metrópole triangulina foram altamente credenciados a conseguir um benefício que o estado tem obrigação de nos dar. A atuação do deputado Valdir Melgaço, que é uberlandense e ocupa relevante lugar no mundo político estadual, deverá constituir ponta de lança na obtenção do atendimento às nossas reivindicações. Por isso aguardamos, tranquilamente, o sucesso da viagem do prefeito e dos industriais."*[2]

A utilização de uma linguagem no plural transmite numa primeira leitura acrítica a sensação de que toda a população já sabia dessa viagem e de sua necessidade – mesmo sendo a primeira vez que noticiam essa informação – e que os benefícios serão para toda a cidade.

Os interesses a serem atendidos, são os dos industriais comerciais e políticos que usufruirão desses benefícios, eles foram negociar com o governo estadual a liberação da verba que já estava decidida previamente por essa classe, participante da sociedade política uberlandense, para ser investida nas indústrias.

Portanto, para recuperarmos essas interpretações e analisar o que há de local com relação ao apoio a um determinado regime e o que isso significava em termos de projetos para a cidade é necessário romper com a idéia de neutralidade e verdade do jornal, colocando-o como prática social produtora de memórias.

---

[2] Matéria intitulada: Comissão Capital, retirada da coluna: *Assim Pensamos, Correio de Uberlândia.* Dia 22 de setembro de 1964. P. 3.

Com isso fui capaz de perceber, que o jornal, como outras práticas, se localiza historicamente no tempo e no espaço e que é uma prática social de sujeitos específicos. Isso está relacionado ao caráter do periódico que defende a idéia de desenvolvimento ligado à industrialização e o estabelecimento das multinacionais, além de possuir um caráter de propaganda política em favor de seu diretor destacando sempre seus feitos enquanto deputado que beneficiaram a cidade de Uberlândia.

Por meio de seleção sobre o que se diz do Regime Militar, abordando seu caráter revolucionário e progressista para o Brasil, a figura de linguagem representa e define a realidade como um todo único, sinônimo de desenvolvimento econômico, progresso, ordem, fim dos conflitos entre as classes e soluções de seus problemas para a construção de uma nação forte. Diante disso, é preciso perceber

> *[...] a imprensa espaço articulador de projetos políticos e formador de opinião, e também que desnudar sua pretensa universalidade passa por decifrar o jogo da linguagem por meio do qual produz memória; a investigar, no discurso literário, sua capacidade de colocar em diálogo vozes e perspectivas opostas, de abrigar o diferente, de zombar das perspectivas dominantes e reducionistas e domesticadoras, de abrir para o leitor, e também para o historiador, horizontes múltiplos e referenciais com os quais possam refletir sobre o mundo e sobre seu próprio lugar nele. (FENELON, 2004: p10)*

O jornal não traz uma visão universal do Regime Militar, tão pouco existe uma visão única que estava presente em toda imprensa nacional, o que foi defendido no jornal uberlandense, o foi por trazer benefícios e atender aos interesses locais, medidas que por ventura fizessem o contrário seriam rechaçadas com a mesma intensidade das que foram defendidas e aplaudidas .

São os interesses locais que fazem os sujeitos defenderem as inúmeras medidas do governo pós 64, o posicionamento do periódico não é apenas um reflexo da conjuntura nacional. A imprensa é mais que um veículo de informação, produz ações e idéias, dá forma aos eventos, que nos leva a refletir como esse jornal uberlandense toma o Regime Militar como sendo a salvação do país e no que isso interessa a esses sujeitos, recuperando essas interpretações que atendem a uma memória histórica forjada e que se pretendia e se pretende hegemônica, bem como os sujeitos que nela atuam, seus papéis e desempenho.

Percebe-se que em Uberlândia, a grande parte da rede de comunicação na década de 1960 pertencia a uma classe dirigente que se beneficiava, como já colocado, do agronegócio e da especulação imobiliária e que também participava da esfera política articulando a produção cultural difundida pelos meios de comunicação com suas políticas públicas a fim de conquistar apoio para os projetos de cidade que os beneficiariam de alguma

forma, e que, apesar de não ser uma esfera dominada por um único posicionamento, era uma área de atuação dos políticos que eram ao mesmo tempo proprietários rurais que começavam a atuar como industriais na cidade, ou seja, mudam as formas de lucro, mas a classe que as desfrutam é a mesma e, por mais que houvesse disputa, as que apareciam dentro dessa rede de imprensa da cidade se davam dentro de um ideal liberal de sociedade.

Na imprensa uberlandense, a disputa se dava entre projetos com o mesmo fim desenvolvimentista[3], a luta era pra ver quem receberia e investiria para alcançar e aproveitar esse dito desenvolvimento. Logo, se as medidas governamentais se incompatibilizassem com esses interesses, não teriam apoio e espaço no jornal.

A difusão do jornal não propicia apenas novas práticas culturais, influencia e compõe diretamente as práticas sociais. Portanto mais que transformar a educação e a cultura de uma comunidade, ela constrói cultura e educação a partir de seus ideais de cidade e sociedade que são representativos de sujeitos específicos, difundindo e compondo valores, modos de viver, pensar e agir, políticas públicas.

Toda essa análise possibilita a problematização do que era Uberlândia para esses sujeitos que compunham a imprensa nesse momento, uma cidade voltada para a propriedade rural e imobiliária, onde o comércio possuía uma fundamental importância e que visava a industrialização e o desenvolvimento econômico proveniente disso.

A idéia de "modernidade" permeia as práticas desses sujeitos que visam expandir o capitalismo e que gera, não contraditoriamente, mas sim como fruto desse desenvolvimento capitalista uma sociedade desigual denominada de "Cidade Jardim", termo que fazia uma propaganda de Uberlândia e que indicava políticas públicas de limpeza e conservação, conserto dos passeios públicos e a retirada de mendigos e indigentes do centro da cidade, tudo isso legitimado pela idéia de "higienização das cidades modernas", para que a população não ficasse a mercê de doenças advindas das práticas e modos de viver antigos e/ ou ruins, a fim de justificar medidas totalmente antidemocráticas e preconceituosas.

Eram questões que tinham o intuito de mudar a imagem da cidade por meio de políticas de limpeza urbana, pavimentação de ruas e demolições de construções antigas,

---

[3] Utilizo o conceito de desenvolvimentismo como caracterizador de experiências históricas de defesa da industrialização, do intervencionismo limitado, de apoio à abertura da economia ao capital estrangeiro legitimados por uma ideologia nacionalista, porém alguns pesquisadores consideram um equívoco escolhido devido a falta de uma definição precisa de desenvolvimentismo e dessas medidas adotadas a fim de atingir a industrialização. Para essa definição mais precisa, ver: FONSECA, Cezar Dutra. Gênese e Precursores do Desenvolvimentismo no Brasil. In: *Revista Pesquisa & Debate do Programa de Estudos Pós-Graduados em Economoa Política – Departamento de Economia da PUCSP, Sp,* Volume 15, nº 2 (26), pp. 225-256, 2004.

medidas de intervenção no espaço urbano que aparecem nas matérias como desejo de toda sociedade uberlandense, da "metrópole triangulina".

Ou seja, a parte central de Uberlândia, espaço freqüentado por uma pequena parcela da cidade recebia inúmeras verbas para manter a aparência de cidade jardim que, como colocado por Campos Filho analisando as cidades brasileiras e a questão da urbanização e da valorização do centro das cidades em detrimento das periferias, na maioria das vezes vem da arrecadação de todo o município e são investidos, graças à relação entre setores de classe dominante e sociedade política, em regiões desfrutadas por esses grupos enquanto as áreas urbanizadas da periferia permanecem em um estado de precariedade quanto aos recursos de infra-estrutura urbana. E, alem disso, são os proprietários dessas áreas, bem como os especuladores imobiliários que se beneficiam da valorização imobiliária dessa região: (CAMPOS FILHO, 1992).

Com uma determinada interpretação do presente, que se liga a uma reelaboração do passado projetam um futuro capaz de atender seus interesses. Construindo não apenas fatos, mas também significados que modelam a consciência do agora e do ontem colocando algumas possibilidades e apagando outras, na tentativa de remodelar valores e desejos segundo os seus.

Um projeto de uma cidade moderna, sem miséria, com arranhas-céu, desenvolvida e industrializada, sem problemas sociais, um imenso jardim, um projeto que se referia apenas ao centro da cidade, a parte necessária aos grupos que difundiam esse projeto e que tentava apagar uma Uberlândia que para eles não tinha muitas belezas naturais, possuía uma arquitetura simples e estava isolada dos grandes centros.

O jornal traz a cidade vivida pela classe que o compõe e, para esta, Uberlândia, na década de 1960, não era apenas uma cidade em transformação urbanística, mas também de valores, atitudes e comportamentos que deveriam ser inculcados na população a fim de se atingir o projeto da "Cidade Jardim".

A problematização dessa prática social permite-nos ver que, a imprensa traz o registro das implementações dos projetos de cidade dessas classes dirigentes, que não é apenas um discurso na tentativa de convencer. Elas têm um lugar social, mostram o que essas classes estão fazendo, o que estão realizando e o que pretendem alcançar com essas realizações. Algo que para essas classes é real, uma vez que lucram e se desenvolvem dentro de uma concorrência capitalista.

Assim, o que se tem é a industrialização como meta e sinônimo de desenvolvimento e modernidade e a utilização de uma série de mecanismos para que essa

industrialização atenda aos interesses dos investidores, que, por serem políticos, economistas responsáveis por ministérios, participavam da elaboração de políticas públicas.

Percebe-se que há uma articulação de interesses que vai além do econômico, essa articulação é muito bem pensada, planejada e discutida por teóricos ligados a esse projeto de desenvolvimento e o trânsito entre as sociedades estritamente política e civil desses sujeitos faz com que as políticas públicas absorvam esse debate e que acordos de industrialização desejados se realizem.

Como forma de realização de seus ideais e legitimação das políticas adotadas, essas classes investidoras ligam o conceito de desenvolvimento à idéia de industrialização e modernidade na tentativa de tornar seu projeto de cidade hegemônico, mas mesmo sendo dominante, essa hegemonia não é exclusiva e muito menos total, é um processo em disputa.

Referências Bibliográficas

CAMPOS FILHO, Cândido Malta. *Cidades Brasileiras: seu controle ou caos.*Nobel Editora: São Paulo, 1992.

FENELÓN, Déa Ribeiro. Introdução: Muitas memórias, outras histórias. In: *Muitas memórias, outras histórias.* Olho D'água: São Paulo, 2004.

FONSECA, Cezar Dutra. Gênese e precursores do desenvolvimentismo no Brasil. In: *Revista Pesquisa & Debate do Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política* – Departamento de Economia Política da PUCSP, SP, Volume 15, nº2 (26), 2004.

MACIEL, Laura Antunes. Produzindo Notícias e Histórias: Algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa. 1880-1920. In: *Muitas memórias, outras histórias.* Olho D'água: São Paulo, 2004.